

O FUTURISMO SAUDOSISTA DE FERNANDO PESSOA

Leyla Perrone-Moisés

Universidade de São Paulo

Como pessoa física, civil e pública, Pessoa teve intensa participação nos movimentos modernistas portugueses. Dois anos depois da aventura do *Orpheu*, o poeta embarcou como companheiro na meteórica viagem dos futuristas portugueses, Almada Negreiros e Santa-Rita Pintor, colaborando no número único de *Portugal futurista* (1917).

Já tem sido largamente estudada essa passagem de Pessoa pelo futurismo (1). As diferenças, contradições e paradoxos do futurismo pessoano têm sido apontados. Se me disponho a retomar o assunto é porque as divergências entre Pessoa e os futuristas me parecem muito mais profundas e significativas do que geralmente se diz e porque, além disso ou apesar disso, o "futurismo" pessoano não me parece nem contraditório nem paradoxal, mas provido de uma lógica interna perfeita.

Resumindo o que pretendo expor: 1) não há apenas diferenças, reservas e distâncias entre Pessoa e os futuristas, há *oposição* ideológica e estética; 2) não há contradição entre o saudosismo e o futurismo pessoanos, há coerência ideológica e estética; 3) Álvaro de Campos não é tão paradoxal como parece. Um 4.º item de minha proposta ficará para o fim da exposição.

Uma simples leitura da contribuição de Pessoa a *Portugal futurista* mostra que, para dizer o mínimo, a adesão do poeta ao movimento é estranha. Os poemas que o ortônimo aí publica não só parecem inoportunos como têm ares de verdadeira sabotagem das propostas da revista. Contrariando frontalmente as determinações de Marinetti, que "matara o luar" (e a conferência em que este ordena que se mate o luar fez parte das manifestações futuristas portuguesas), Pessoa "ele mesmo" dá à revista um decadente "Plenilúnio", e ainda insiste no tema lunar em outros três poemas. Pessoa "ele mesmo" parece ter caprichado em mostrar

que estava na festa errada. É por delegação ao heterônimo Álvaro de Campos que Pessoa finge ingressar na festa certa; mas seu "Ultimatum", de futurista, só tem a cara tipográfica.

Um exame rápido do "Ultimatum" basta para revelar a distância que separa seu autor dos verdadeiros futuristas. Campos adota certos princípios do movimento: a escolha do gênero manifesto, com tudo o que este comporta de insolência e de terrorismo verbal, a rejeição de todo academismo. Mas enquanto Almada permanece fiel aos ditames de Marinetti (conforme se pode ver em seu próprio "Ultimatum", também estampado na revista), Campos diverge de ambos em pontos fundamentais. Tão fundamentais que falar de "distância" é pouco.

O "Ultimatum" de Campos começa pela constatação de uma "falência dos povos e dos destinos — falência total". Esse presente falido não é entretanto rejeitado em nome de um futuro novinho em folha; ele o rejeita em nome de um passado que foi melhor e que cumpre recuperar em sua grandeza: "Onde estão os antigos, as forças, os homens, os guias, os guardas?" É o "agora", cujas misérias ele enumera, que o enoja e sufoca; é a falta de grandes homens e de grandes projetos, perdidos num passado paradigmático, que ele denuncia.

Da mesma forma que a política contemporânea, a estética lhe parece falida; e não só a estética anterior, mas até mesmo as novas tendências artísticas: "Nem uma corrente literária que seja sequer a sombra do romantismo ao meio-dia!" O desprezo de Campos atinge explicitamente os contemporâneos, inclusive os chefes das vanguardas: "literatos meneurs de correntes europeias (...) Passai vós, que sois autores de correntes sociais, de correntes literárias, de correntes artísticas (...) Passai, frouxos que tendes a necessidade de serdes os istas de qualquer ismo!" Se este "Ultimatum" é uma adesão ao futurismo e uma homenagem a Marinetti, seus termos são estranhíssimos. Parece-me que Marinetti aí recebe sua ordem de despejo, junto com a velharia europeia que ele desejava despejar.

Também contrariamente a Marinetti (e a Almada), Campos não faz a apologia da guerra. E não se trata apenas de uma reserva ou nuance. Ele a inclui no conjunto das misérias do pre-

sente, e manifesta violentamente sua repugnância por ela e, implicitamente, pelos belicistas: "Vem tu finalmente ao meu Asco, roça-se [sic] tu finalmente contra as solas do meu Desdém, grand finale de parvos, conflagração-escárneo, fogo em pequeno monte de estrume, síntese dinâmica do estatismo ingénito da Época! Roça-te tu e roja-te, impotência a fazer barulho! Roça-te, canhões declamando a incapacidade de mais ambição que balas, de mais inteligência que bombas!" Marinetti e Almada não estão na linha de fogo dessa artilharia verbal?

E, depois de uma grande exclamação "futurista" ("MERDA!"), o que Campos propõe para o futuro é... uma retomada da grandeza passada: "Dai Homeros à Era das Máquinas, ó Destinos científicos! Dai Miltons à Época das Coisas Eléctricas, ó Deuses interiores à Matéria!" Ora, Almada Negreiros, seguindo o exemplo de Marinetti, propunha exatamente que se esquecessem os nomes dos grandes poetas do passado, substituindo-os pelos dos Gênios da Invenção: Edison, Marinetti, Pasteur, Marconi, etc., no lugar de Camões, Hugo e Dante. Cada vez mais parece-me claro que Pessoa-Campos, mais do que simplesmente divergir dos futuristas, os tem como receptores implícitos de sua diatribe. O uso de expressões como "Era das Máquinas" e "Época das Coisas Eléctricas" (como, na parte sobre a guerra, de "síntese dinâmica"), tiradas do léxico dos futuristas, indica que é a eles destinado seu discurso. O "Ultimatum" de Campos, destoando do resto da revista, que é mera glosa encomiástica, já está um passo adiante da mesma, num lugar de contestação do próprio futurismo que ela está apresentando e propondo.

Não há um único ponto do "Ultimatum" em que isto não seja visível. Campos não faz o elogio da força biológica e da intuição, em detrimento da razão e da inteligência. Pelo contrário: apesar de exaltado no tom, seu manifesto contém críticas e propostas expostas numa ordem lógica e racional. Não há aí qualquer abandono ao instinto; ao inverso, o irracionalismo é aí repellido com desgosto. O "cérebro espontaneamente genial da raça latina", a que se refere Almada, não encantava evidentemente ao britânico Pessoa-Campos. A força exibida por Marinetti não o impressiona o mínimo: "passai, ultra-débeis que cantais só a força, burgueses

pasmados ante o atleta de feira que quereis criar na vossa indecisão febril!"

Entre as propostas do "Ultimatum", figura a "abolição do dogma da personalidade". Poderíamos crer que se trata de uma concordância com a destruição do eu proposta por Marinetti. Mas, enquanto para este trata-se de abolir o indivíduo, porque a matéria interessa mais do que o homem, para Álvaro de Campos trata-se da multiplicação das virtualidades subjetivas de cada homem. É importante sublinhar essa oposição entre Pessoa-Campos e Marinetti, não apenas pelas implicações estéticas mas também pelas implicações políticas dessas posições. A abolição da psicologia individual desejada por Marinetti coincide com os propósitos do fascismo mussoliano, porque é a anulação das diferenças na massa. O que Pessoa propõe, através de Álvaro de Campos, é pelo contrário a multiplicação das individualidades, o cultivo das diferenças, da alteridade, num sujeito-artista que seria "Síntese-Soma" e não "Síntese-Substração". Proposta de um aristocratismo estético que pode ser considerado reacionário, historicamente, mas nos antípodas do populismo fascista (2). Proposta eminentemente artística, que Pessoa estava pondo em prática naquele mesmo momento, em sua obra heteronímica: "Nenhum artista deverá ter só uma personalidade. Deverá ter várias, organizando cada uma por reunião de estados de alma semelhantes, dissipando assim a ficção grosseira de que é uno e indivisível."

Tem sido dito que todas essas idiosincrasias do futurista Campos anunciam o afastamento posterior de Pessoa com relação ao movimento; parece-me que a coisa é outra: ele nunca esteve lá. O interesse de Pessoa pelo futurismo era apenas estratégico, assim como todas as suas tomadas de posição modernistas. Arnaldo Saraiva observou que *Orpheu* foi, para Pessoa, uma "rampa de lançamento" (3); poderíamos acrescentar que *Portugal futurista* foi a "segunda fase" do foguete, cuja destinação era outra. O caminho de Pessoa era aristocraticamente solitário. Enquanto Marinetti fez carreira, Pessoa e seus outros eus prosseguiram suas obras num discreto retraimento. A elegância inglesa de Pessoa inclinava-o a ver com aversão toda forma de publicidade, de autopromoção e de arrivismo. Como diz Álvaro de Cam-

pos no "Ultimatum", "a fama é para as actrizes e para os produtos farmacêuticos", versão jocosa de opiniões que reencontraremos no *Heróstrato* e no *Livro do Desassossego*. O distanciamento e a ironia com que Álvaro de Campos verá, mais tarde, a entrada de Marinetti para a Academia não é a surpresa e a decepção de um ex-correligionário; o tom é de quem, *desde sempre*, esperava tal coisa.

Mais ainda do que o "Ultimatum", é a obra poética de Álvaro de Campos que se acomoda mal sob o rótulo de "futurista". Afinal, a produção dita futurista de Campos se reduz a pouquíssimas peças: a "Ode triunfal" e a "Ode marítima", em 1914, e a "Saudação a Walt Whitman", em 1915. De fato, aqueles poemas, por alguns traços, podem ser associados à estética futurista: o elogio da vida moderna, da multidão, da velocidade, da eletricidade e da máquina, a utilização de recursos tipográficos variados e de onomatopéias ruidosas. Entretanto, esses poemas são tributários de experiências anteriores ao futurismo (como o verso livre de Whitman) ou de projetos pessoais do poeta (como o sensacionismo, descendente declarado do simbolismo e do panteísmo transcendentalista português e, só com muitas ressalvas, parente do futurismo) (4).

Se considerarmos o conjunto da obra de Álvaro de Campos, seu futurismo ficará ainda mais duvidoso. Os paroxismos modernistas do engenheiro-poeta são sempre seguidos de profundas depressões, que correspondem a nostálgicas voltas a um passado melhor, ao "antiquíssimo de nós" ("Dois excertos de odes"), aos tempos mais felizes da infância perdida, tema principal ou ocasional de numerosos poemas. A "Ode marítima", reconhecida como uma de suas produções futuristas, revela estranhamente um enorme apego ao passado ("todo o passado dentro do presente"), e uma correlativa desconfiança perante o novo ("o misterioso receio ancestral à Chegada e ao Novo"); e seu verso mais famoso é passadista: "Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!"

A velocidade, tão prezada pelos futuristas, é experimentada por Álvaro de Campos como angústia da perda: perda da "estranheira rápida" na multidão, da rapariga vislumbrada a partir do

automóvel, na estrada de Sintra, "cada vez mais perto de Sintra, cada vez menos perto de mim".

Por outro lado, seus paraísos artificiais custam-lhe tremendas ressacas, exigindo muita aspirina e muito bicarbonato. Ora, que futurista é este tão pouco atlético, que ousa expor o alto custo físico e psicológico de sua adesão ao frenesi da vida moderna? Um futurista que quer o futuro, mas só "depois de amanhã, sim só depois de amanhã..." ("Adiamento"), porque sua constituição psíquica é a de um decadente, estafado e sensibilíssimo como o dos Esseintes de Huysmans. Um companheiro inapropriado para as correrias de Marinetti ou de Almada, aos quais ele diria: "Não: devagar./Devagar, porque não sei/Onde quero ir. (...) Talvez o mundo exterior tenha pressa demais./Talvez a alma vulgar queira chegar mais cedo. (...)"

Um último ponto, fundamental, afasta Pessoa-Campos dos futuristas. Álvaro de Campos é um cosmopolita, freqüentador das grandes metrópoles, viajante como nenhum dos outros heterônimos o foi e usuário habitual de palavras estrangeiras. Entretanto, seu "Ultimatum" contém uma solene declaração de lusitanismo: "Eu, da Raça dos Navegadores, afirmo que não pode durar! Eu, da Raça dos Descobridores, desprezo o que seja menos que descobrir um Novo Mundo!" Messiânico, ele anuncia que vai "indicar o caminho". E, pouco gregário, termina o seu manifesto "na barra do Tejo, de costas para a Europa". A falsa semelhança com o fim do primeiro manifesto de Marinetti parece-me intencional, com o objetivo de melhor expor a diferença. É ao próprio futurismo, como corrente européia menor (se comparada a seus altos desígnios de Descobridor Encoberto), que Pessoa volta as costas. O que, em Marinetti é desafio coletivo e veleitário, expresso por um mero "meneur" de um grupo de artistas, em Álvaro de Campos é profetismo solitário de um representante assinalado da Raça fadada a fundar o 5.º Império. É essa abissal diferença que Campos pretende marcar.

A declaração lusitanista e messiânica de Álvaro de Campos reafirma o elo, jamais quebrado, de Pessoa com o saudosismo da revista *A Águia*, onde ele fizera sua estréia. O objetivo que anima o seu "Ultimatum" é aquele que movia Teixeira de Pascoaes ao

apresentar *A Águia* em 1912: "ressuscitar a Pátria Portuguesa, arrancá-la ao túmulo onde a sepultaram alguns séculos de escuridade física e moral, em que os corpos definharam e as almas amorteceram". Objetivo alargado, em Pessoa, como ressurreição do próprio Ocidente. Essa Renascença Portuguesa e ocidental supõe a saudade, sentimento inaceitável para os futuristas, que exigiam a "supressão da história" (Manifesto-síntese de Apollinaire, 1913) e a emancipação da "tutela vergonhosa do Passado e da Tradição" ("O futurismo", em *Portugal futurista*).

A retomada do programa saudosista no "Ultimatum" arruína totalmente seu caráter futurista, no sentido marinettiano do termo (ruptura com o passado), e dá-lhe o tom português e pessoano da utopia messiânica. Esse tom não é apenas uma entoação lusitana da cantiga italiana; é um tom absolutamente diverso, porque o futuro aí cantado é de outra natureza. Falando de Almada e Pessoa, Eduardo Lourenço acha a fórmula felicíssima: "futuristas de oposto futuro" (5). O futuro desejado por Álvaro de Campos no "Ultimatum" é o "futuro aurora do passado" de Teixeira de Pascoaes (6).

Parece-me pouco dizer, como têm dito numerosos críticos, que há no futurismo pessoano o dado antinômico do saudosismo português. Esse dado, a meu ver, não permanece aí como contradição interna não resolvida, como mais um paradoxo pessoano, mas como contradição expressa de algo exterior (o futuro do futurismo), que ele substitui por um projeto próprio que nada tem a ver com o primeiro. Pessoa-Campos não é futurista, mas futurante; ele prospecta, profetiza e deseja um futuro utópico, para Portugal e para o mundo, um futuro que será o "outrora de agora".

A luz da utopia messiânica, que anima toda a obra pessoana, as contradições de Álvaro de Campos se desfazem. É perfeitamente lógico que este seja saudoso do passado e ávido de futuro, abúlico e dinâmico, cansado e cheio de projetos, nacionalista e cosmopolita. Essas aparentes dicotomias não são meras alternâncias psicológicas, correspondendo a diferentes momentos de Álvaro de Campos; são qualidades acopladas e interdependentes.

A saudade do saudosismo não é um sentimento melancólico e retrógrado, mas um sentimento criador de futuro; é saudade de um valor passado e não do tempo passado, e esse valor, o saudosista o projeta num futuro ideal. O cansaço de Álvaro de Campos, por sua vez, é cansaço do cansaço, horror de um imobilismo que é o seu e o de Portugal. Pessoa viu bem que não havia antagonismo entre dinamismo e decadência. Falando justamente do futurismo, ele diz: "O dinamismo é uma corrente decadente, e o elogio e a apoteose da força, que o caracteriza, é apenas aquela ânsia de sensações fortes, aquele entusiasmo excessivo pela saúde que sempre distinguiu certas espécies decadentes." (7)

Esse processo de compensação pode ter (e acabou tendo, em Pessoa) um efeito *ativo* que ultrapassa aquela veleidade decadente por ele apontada, e que se esgotaria no simples elogio da força, tal como ele aparece no futurismo marinettiano. Os inúmeros e constantes projetos concebidos por Pessoa, para regenerar a pátria, a cultura, a literatura, surgem todos do sentimento e da vivência depressivos de um decadente. Mas é do fundo de seu niilismo que Pessoa arranca forças para conceber seus projetos, e realizar pelo menos um deles: o projeto poético. Se seus projetos não desembocaram em ação, no que se refere à política (e talvez tenha sido bom que isso não acontecesse), realizaram-se na criação de mitos, que é a função específica da poesia. O resultado positivo da negatividade pessoana é exatamente aquele valor que Nietzsche aponta no niilismo: ajudar a matar o que está degenerado e quer morrer, e permitir, assim, uma nova ordenação da vida.

Pessoa-Campos é melhor discípulo de Nietzsche do que os futuristas. A "vontade de potência" que se manifesta no "Ultimatum" não é o *desejo do poder* que leva aos estados totalitários e às guerras. A "vontade de potência" é aí, como em Nietzsche, impulso vital e criador, ser do ente como devir, potência da vontade que não tem nem pode ter o *poderio* como objetivo, porque ela não tem objetivo final, mas se realimenta continuamente de si mesma em direção ao futuro. E a forma mais perfeita da "vontade de potência" nietzschiana é a arte, criação de formas e criação de si mesmo pelo artista, movimento oposto e reativo ao niilismo.

Ora, Pessoa pode ter-se enganado, em sua obra ensaística, ao dar objetivos políticos a sua "vontade de potência", isto é, ter acreditado possível e realizável seu projeto messiânico e anti-democrático; de qualquer maneira, este não se cumpriu. Entretanto, ao concebê-lo mitificado, na soberba forma artística de que foi capaz, ele provou a potência de sua vontade, assim como a potencialidade de sua pátria-língua portuguesa. A poesia de Pessoa é uma renascença portuguesa bem lograda. Não voltou D. Sebastião, mas veio o Supra-Camões.

Por manifestar a "vontade de potência" em sua mais pura forma nietzschiana, o "Superhomem" anunciado no "Ultimatum" não é o "atleta de feira" marinettiano, mecânico e belicoso. Para Álvaro de Campos, "o Superhomem será, não o mais forte, mas o mais completo", "não o mais duro mas o mais complexo". O Superhomem será o Artista: o artista como homem superior, e o homem superior como artista da vida e da história. Essa grandeza, em Nietzsche, tem a sua raiz no sofrimento da decadência e do niilismo, de onde o superhomem se arranca a si mesmo com o orgulho consciente de uma força conquistada.

A última aparente contradição interna de Álvaro de Campos — nacionalismo *versus* cosmopolitismo — é explicitamente desfeita por ele mesmo, em seu "Prefácio para uma antologia dos poetas sensacionistas": "Os sensacionistas portugueses são originais e interessantes porque, sendo estritamente portugueses, são cosmopolitas e universais. O temperamento português é universal; esta, a sua magnífica superioridade. O acto verdadeiramente grande da História portuguesa — esse longo, cauteloso, científico período dos Descobrimentos — é o grande acto cosmopolita da História" (8). Estamos aí longe do nacionalismo localista e guerreiro apregoado por Marinetti.

A saudade cultivada por Pessoa é lembrança ativa de um tempo-valor, recusa de um presente "degenerado" e proposta de um Mito condutor, recuperado no passado para orientar o futuro. Existe uma homologia entre o projeto ideológico de Pessoa e seu projeto estético. Evidentemente, esses projetos são, num e noutro caso, múltiplos e complexos, e se eu os reduzo assim brutalmente é levando em conta certas constantes, que esboçam uma linha de

força orientando seu pensamento e sua obra poética. Na concepção e na fatura de sua obra, como em seu projeto político-cultural, Pessoa não rompe com a tradição mas a transforma, recuperando no passado formas que ele projeta no futuro. No conjunto de sua obra, Pessoa é mais um renovador do que um inovador. Isso está claramente expresso em suas "Considerações sobre o novo" (9), e confirmado nos numerosos projetos em que aparece o sufixo "neo".

Certo terrorismo teórico do "novo", ao longo do nosso século, obrigou por vezes os críticos de Pessoa a buscarem em sua obra as novidades formais, e a embarçarem-se porque estas são discretas e sutis. No seu conjunto, é preciso reconhecer, o projeto de Pessoa não era modernista. É ainda Eduardo Lourenço quem coloca claramente a questão: "O modernismo de Pessoa não foi e não será nunca apologia da quotidianidade presente e suas fulgurações, mera apologia do novo mas consciência das *insolúveis contradições do mundo moderno* e da mesma Modernidade, porventura até, rejeição de seu próprio espírito" (10). Colocação corajosa de uma questão que tem sido pouco discutida pela crítica pessoana. E este é o item 4 da minha comunicação, que fica aqui como pergunta: a que Modernidade pertence Pessoa?

Pessoa poeta(s) é autor de sonetos, odes, redondilhas, quadras, sua máxima ousadia formal é o verso livre, conquista do século passado. Com exceção de certas passagens do *Livro do Desassossego*, Pessoa não violenta a sintaxe e o léxico clássicos, mas apenas os explora com ritmos e modulações sutilmente novos. Há na obra de Pessoa como que várias camadas temporais de referências estéticas (e o próprio *Livro do Desassossego* é o melhor exemplo disso), como se toda a tradição poética estivesse aí condensada para ser lançada numa cápsula, ao futuro. Em suas páginas de doutrina estética, Pessoa é ora um neoclássico, ora um contemporâneo de Baudelaire e de Poe, isto é, um teórico da 1.ª Modernidade ou 2.º Romantismo. Tudo isso, eu coloco aqui muito grosseiramente, merece ser melhor estudado.

O que me parece claro é que o futurismo, como o modernismo de *Orpheu*, foram para Pessoa apenas meios de comunicação altissonante, onde ele colocou provisoriamente sua "mensa-

gem", que como projeto específico nada tinha a ver com esses movimentos. Não é por acaso que ele falou da "baralhada" ou "salgalhada" desses movimentos (11); seu próprio projeto era lógico, racional e não contraditório.

Hoje podemos ver, sem mal-estar teórico, que o modernismo de Pessoa era quase nenhum, enquanto sua atualidade durável (sua "longa imortalidade", como diria Borges) se comprova no reconhecimento que lhe está dando este fim do século moderno. Pessoa tem tido mais futuro do que os futuristas. A transformação e não a ruptura com a tradição tem garantido a Pessoa uma permanência de recepção estética maior do que a dos vanguardistas essencialmente demolidores.

Essa atualidade estética de Pessoa ainda está por discutir e explicar. Quanto a sua atualidade ideológica, esta consiste não nas propostas que ele fez, mas nas grandes questões — ainda insolúveis — que ele colocou. O sujeito eminentemente racional e conservador, que ele era em sua pessoa física e civil, implodiu espetacularmente em sua obra heteronímica, exibindo a fratura ontológica do homem moderno. Comparadas a essa implosão, as explosões dos futuristas e outros istas são meros fogos de artifício.

NOTAS

- (1) Para não sobrecarregar de mais estas notas, citei apenas os nomes dos principais estudiosos do futurismo pessoano: Jacinto do Prado Coelho, João Gaspar Simões, Georg Rudolf Lind, José-Augusto França, Nuno Júdice, Teolinda Gersão, Luciana Stegagno-Picchio, Teresa Rita Lopes, José Augusto Seabra, Pierre Rivas, Arnaldo Saraiva, João Alves das Neves. Ver em especial *Portugal futurista*, 2.^a ed. fac-similada, Lisboa, Contexto Editora, 1982.
- (2) Ver a esse respeito: Pierre Rivas, "Idéologies réactionnaires et séductions fascistes dans le futurisme portugais", in *Marinetti et le futurisme*, Cahiers des Avant-Gardes — l'Age d'homme, Lausanne, 1979, pp. 181 a 200.
- (3) Prefácio à edição não-fac-similada de *Orpheu 3*, Lisboa, Ática, 1988.
- (4) Fernando Pessoa, *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, textos, est. e pref. por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática, s/d, p. 134 (referirei doravante esta obra pela sigla PIAI).
- (5) "Mitografia do ausente" in Costa Pinheiro, *O poeta Fernando Pessoa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981, p. 114.
- (6) Estudaram particularmente a relação Pessoa-Teixeira de Pascoaes os seguintes críticos: João Gaspar Simões, Jacinto do Prado Coelho, António Quadros, Eduardo Lourenço, José Augusto Seabra.
- (7) PIAI, p. 177.
- (8) PIAI, p. 151.
- (9) Fernando Pessoa, *Obras em prosa*, org., intr. e notas de Cleonice Berardinelli, Rio de Janeiro, Aguillar, 1974, p. 147.
- (10) *O labirinto da saudade*, 2.^a ed., Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1982, p. 123.
- (11) PIAI, p. 134 ("baralhada"); *Obras em prosa*, p. 430 ("salgalhada").

NOTAS

... a obra poética orfônica e heterônima...

... Fernando Pessoa se apresenta como padrão de modernidade...

... as várias personalidades pessoais interpretam...

... o mundo de século XX, o seu espanto de existir, a...

... a problemática mecanicista, a...

... a fuga para o Misterio ou para o primitivo...

... a ansia de infinito, o interesse metafísico, enfim...

... a sugestão por um tempo de antinomias materiais...

... de decepções e insucessos coletivos, mas...

... de reflexões existenciais, de...

... de pressão e inquietude mas também de...

... e fuga.

... João Pessoa de sua *Estética Moderna* o sentido...

... dando que de dois mais representados: o...

... *Orpheu* deveria corresponder de uma maneira...

... da poesia moderna.

... um mundo que vive à vau, de uma...

... e desagregadas, correspondem por exemplo, os...

... expressivos de S. Camões e Fernando...

... como a metáfora romântica correspondeu, uma...

... de olhar o universo, mas relacionada pelos...

... Mas nota-se que tal como de aspectos específicos...

... e relativamente novas." (1)

... esta tentativa de sistematização e...

... dos vários aspectos da modernidade pessoana...

... fez de Fernando Pessoa um poeta mais autônomo...

... e mesmo poeta do globo, constituindo-se iluminação e...